

Paradigmas para o pastor do século XXI

Considerações iniciais: O termo paradigma deveria ser preservado para as grandes mudanças, revoluções no comportamento e valores, sob pena de perder força e significado, tornando-se lugar comum para definir quaisquer particularidades. Paradigmas são referenciais abrangentes, amplos, que transcendem a teologia ou a experiência religiosa, mas influenciam as ciências sociais em bloco, refletindo não só pensamento de um grupo ou segmento, mas o de uma época, de um determinado contexto social e histórico.

De modo simples, temos que tomar cuidado para não banalizar o termo paradigma, pois muito do que é apresentado como tal não passa de conceito ou valor particular.

E mais, o novo milênio não significa necessariamente um novo momento ou uma revolução de conceitos e valores abrangentes. Na economia, a dialética entre o capitalismo e o marxismo (neo-liberalismo x socialismo) ainda não gerou a terceira via, embora esteja sendo buscada; Na política global, permanece a predominância norte-americana e européia, tendo o quadro mudado pouco desde a segunda grande guerra. A globalização não conseguiu equacionar o problema da desigualdade social; Os organismos internacionais não conseguiram minorar o problema da fome; O fanatismo religioso e o ódio racial continuam fazendo vítimas... Em fim, mudou o milênio, mas o mundo efetivamente não mudou. Estamos em transição lenta, gradual e, em muitas áreas, totalmente incertos do futuro. Sabemos o que somos, mas ainda não sabemos o que seremos.

Daí entendermos que falar de paradigmas para o século XXI pode ser ainda precoce. O que apresentamos é o esboço de uma análise simples da igreja brasileira tipicamente urbana, dentro do nosso contexto de desenvolvimento social local (DF), sem a pretensão de ser científico, apenas crítico para uma reflexão pastoral.

Por último, entendemos que é a igreja brasileira que vai determinar os padrões referenciais para o pastor brasileiro do século XXI. Partiremos de uma visão otimista dela, a fim de projetarmos também uma perspectiva mais positiva do ministério pastoral, reconhecendo porém uma certa idealização da igreja em detrimento da realidade mais dura.

I – A Igreja do Século XXI num contexto urbano do Planalto Central:

- 1. Uma igreja em expansão** - As estatísticas mostram um constante crescimento da igreja brasileira. Os censos do IBGE mostram o avanço numérico dos fiéis; É notório o grande número de igrejas, denominações, ministérios independentes, modelos eclesiais e até mesmo a diversificação dos títulos dados ao novo clero brasileiro. *O contraponto negativo está na fragmentação denominacional, na competição interna na busca pelos fiéis, no marketing pessoal e eclesial em detrimento de um evangelho puro e na multiplicação dos evangélicos nominais e “domingueiros”.*
- 2. – Uma igreja mais instruída** - A massa que compõe a igreja evangélica hoje está mais bem equipada em termos de educação e informações. O estudo passou a ser prioritário para a população, inclusive como resposta aos estímulos às políticas de governo e exigências impostas pelos organismos internacionais. A Ánsia pelo desenvolvimento econômico instiga a busca de informação e preparo educacional de qualidade. Há trinta anos ouvia-se: “Jesus está voltando, estudar para que?”. Hoje essa voz é morta e o que se ouve é: “Não perca tempo, vá estudar!” *A dificuldade gerada está no empobrecimento da fé para alguns, na secularização dos métodos empregados, na elitização da mensagem simples do evangelho. Nunca se falou tanto sobre tantos assuntos na igreja, mas à superficialidade, a pouca retenção e a falta de Bíblia são notórias.*
- 3. – Uma igreja mais abastada** - A igreja tem hoje mais recursos financeiros. Templos grandes, mídia, editoras, gravadoras. Tornamo-nos um filão mercadológico a ser explorado. Mesmo sem crédito bancário ou subsídios governamentais, a igreja se expande e se impõe apenas com a fidelidade dos seus membros, que agora não apenas das classes D e E, mas estão distribuídos em todos extratos sociais. *A tristeza é o vigor da teologia da prosperidade, o mercantilismo da fé, a multiplicação dos show-mens e pastores apresentadores, além dos lamentáveis escândalos financeiros. Enquanto se constroem impérios eclesiais, falta o dinheiro para missão e desaparece o espírito cooperativo e solidário entre as igrejas co-irmãs.*

4. - **Uma igreja livre:** Temos liberdade de expressão e culto. O que alguns chamam de perseguição não passam de leis para preservar a boa vizinhança (que a meu ver também nos protegem). A participação política da igreja evangélica brasileira se expande a cada dia e seus interesses são defendidos nas altas casas legislativas. *A liberdade e a ausência de perseguição trouxeram aqueles que acham que é “chique ser crente”, não sendo fácil distinguir cristãos entre a conversão e a conveniência. A representação política, às vezes, faz vergonha e se mostra tão corporativista como outras bancadas. Um vício da arcaica política caudilhista e coronelista brasileira.*
5. - **Uma igreja dinâmica:** Como o povo brasileiro é criativo, receptivo, extrovertido e amigável, a igreja encontra facilidade para a evangelização e para o diálogo com os não conversos. O culto também é alegre e envolvente, com participação ativa da congregação e diferentes programações. Novos modelos surgem a cada dia com atendimento para todos os gostos. *O revés da moeda está na facilidade com que se infiltram modismos teológicos e céticos, nem sempre respaldados pelas Escrituras; A ausência de caráter próprio, identidade, torna-se queixa constante dos crentes mais estruturados e forjados nos “velhos dias”.*

II – Perfil pastoral para atender a exigência da igreja

Como resposta aos cinco pontos destacados no perfil que se anuncia para as igrejas urbanas do Planalto Central, apresentamos características que estão sendo exigidas e (e serão cada vez mais e com maior rigor) dos ministros que pretendam pastorear seus fiéis:

1. **Pastores visionários:** - Uma igreja em expansão exige um timoneiro que conheça o horizonte e amplie a visão dos que estão no mesmo barco. A expansão exige líderes qualificados assessorados por equipes competentes e leais. Por sua vez, a multiplicação das lideranças, o treinamento e o envio só podem se processar orientados por alguém que deseja crescer trazendo outros consigo, sem medo de competição interna. Não é de sonhadores ou megalomaniacos que a igreja precisa; Líderes com os pés no chão mas olhos nos céus (como disse Jesus: “erguei os vossos olhos e vejam os campos”) farão a diferença e estabelecerão ministérios duradouros com alto potencial de empreendedor e eficiência;
2. **Pastores ecléticos:** - O alto grau de instrução da comunidade, a multiplicação de universitários e a velocidade da informação cobrarão do pastor um discurso interdisciplinar e sermões e ensinamentos pertinentes ao momento. Cada vez mais o pastor deverá ser um leitor, não apenas da Bíblia e teologia, mas de outros temas e campos científicos, jornais, revistas. Porém o maior desafio será a leitura do seu contexto, do seu povo, das expectativas e realizações dele. Quem tiver mente embotada e discurso monocromático será atropelado por um auditório sequioso e ávido por respostas coerentes e estruturadas às suas inquietações;
3. **Pastores Administradores** – Igrejas com patrimônio imobiliário, veículos, equipamentos de som e informática exigirão decisões de caráter administrativo. O quadro de funcionários e as complicadas leis trabalhistas e também as normas contábeis e leis específicas para funcionamento de templos farão com que os pastores tenham que considerar os riscos que correm enquanto presidentes das instituições que representam. A gestão das finanças pessoais e a transparência na gestão da coisa pública (o patrimônio é do povo – o pastor é mordomo) serão qualidades determinantes para habilitação do pastor que quiser ter ministério bem sucedido.
4. **Pastores politizados** – A igreja ganha cada vez mais espaço para participação na sociedade. Interagir com o poder público e prestar serviço comunitário relevante é papel do ministro no século XXI. Servindo não com cores partidárias ou bandeiras que não as do Reino, mas consciente de que, como formador de opinião e líder comunitário, o pastor pode, e deve, contribuir para o aperfeiçoamento das políticas públicas nas áreas de saúde, educação, justiça social, ações contra a violência, etc. Um pastor alienado ficará à margem das transformações da sociedade brasileira, cada vez mais democrática, participativa e conhecedora dos seus direitos.

5. **Pastores carismáticos** - As multidões seguem os líderes carismáticos. Não necessariamente preocupado com multidões, mas fiel a seu chamado, o pastor deverá ter consciência de que impactar as pessoas e motiva-las adequadamente dentro dos princípios da fé cristã é parte significativa do seu ministério. Carisma não é para todos, de modo que a seletividade e a dinamicidade da igreja fará uma espécie de seleção natural, condenando ao ostracismo ou a ministérios menos relevantes pastores desprovidos de uma boa apresentação pessoal.

III – PARADIGMAS PARA OS PASTORES DO SÉCULO XXI

Os pontos até aqui apresentados não são paradigmas. São apenas qualidades, aspectos de um perfil que está se cristalizando na igreja brasileira. Cada vez mais os valores rurais da visita com cafezinho e biscoito vai ficando para trás, e o púlpito, o gabinete e a gestão da “máquina eclesiástica” vai ganhando espaço nas preocupações do pastor que pretende ser competente.

Mas há ainda paradigmas, marcos limítrofes, que determinam o que é e o que não é ser pastor. Há ações determinadas pelo Dono da obra, as quais não é a igreja que vai reconhecer ou recompensar, antes o Dono da vocação e o Espírito que dá dons aos homens que lhes exigirá contas. São paradigmas firmados a vinte séculos e que não foram e nem serão mudados, dure quanto durar o mundo. Tomamos por base 1 Tm 3:1-7; Tt 1:7-9 ; 1Pe 5:1-4:

1. **Homens de caráter irrepreensível:** O carisma pode não ser para todos, mas o bom caráter é. Integridade moral no lar; bom testemunho dos de fora; palavra e coração sinceros; fidelidade nos compromissos financeiros; honestidade e lisura; educação e bons modos; ética; Não é opcional, o pastor deve ter tais qualidades ou será considerado inapto para o ministério.
2. **Líderes piedosos:** Liderança exercida no poder do Espírito Santo e obtida com oração e dedicação à Palavra de Deus; prática devocional saudável; procedimento santo, cheio de temor, vida que inspira outros à santificação e os conduz à cruz. Marcas de um pastor.
3. **Mestres da Palavra:** Discípulo que se deixe ensinar pelo Espírito e que humildemente está aberto a rever suas convicções quando confrontado com a Palavra de Deus. Aprendiz dedicado que se dispõe a ser mestre enquanto ainda é aluno. Longe da cadeira de Moisés, mas sempre aos pés de Cristo, assim é o pastor de homens e de almas.
4. **Bispos desprovidos de ganância:** Desapegado dos bens materiais; não movido pela ganância; não interessados nos dizimistas ou no dízimo; não esbanjador; moderado, de hábitos simples e contente com o que tem. Opositor da teologia da prosperidade, serva de Mamom que tem conduzido muitos ao erro. Preocupado com os pobres, generoso, hospitaleiro. Como o Sumo-pastor, vivendo para o evangelho e não do evangelho.
5. **Servos do rebanho:** Não dominador; nunca tirânico e autoritário; Não faz do templo sua casa, nem do povo seus lacaios. Como exemplo de bondade e na pura acepção do termo ministro, coloca-se como servo de todos, submetendo-se ao serviço santo com alegria e fé. Sua autoridade é a da santidade e da sabedoria; sua força é a da fé e do conhecimento; seu poder de persuasão reside na convicção da vontade de Deus.

Concluindo – Num mundo que se transforma a cada dia, na capital de um país em ebulição, estamos diante do grande desafio de sermos pastores com a antiga espiritualidade, com a boa e bendita Bíblia Sagrada como regra de fé e prática, construindo uma igreja que responda aos anseios e ideais de nossa geração. Que Deus nos ilumine e capacite para a grande colheita.

Sobradinho, 13 de Março de 2004.
Pr. José Carlos da Silva.